

## **2015 DESCORTINA COMO ANO DE GRANDES DESAFIOS PARA O MERCADO DE PRODUTOS FLORESTAIS CRESCER**

O presente ano começou com a ansiedade natural da população brasileira a respeito das reformas e pacotes político-econômicos que o atual governo se vê forçado a promover. Mais especificamente, o empresariado tem manifestado sua apreensão e cautela sobre os rumos da economia nacional, uma vez que, ao que tudo indica, o governo escolheu o caminho da penalização da produção e do desenvolvimento. A análise conjuntural do Centro de Inteligência em Florestas de fevereiro de 2015 dá uma perspectiva da evolução dos negócios florestais no ano de 2014 e aponta os primeiros movimentos desses negócios neste início de ano.

### **Segmento de Celulose e Papel**

Uma síntese do ano de 2014 para o mercado de celulose e papel mostra que no acumulado, a produção nacional de celulose foi de 16,4 milhões de toneladas, 8,8% maior que em 2013. As exportações cresceram 12,6% e as vendas no mercado interno reduziram 7,3%, também comparando 2013 com 2014. No caso do segmento de papel, a indústria produziu 0,4% menos em 2014, comparado com 2013, e as vendas domésticas mantiveram-se praticamente estáveis, segundo Indústria Brasileira de Árvore (Ibá).

No início do ano de 2015, foi observado um aumento da produção de celulose no país devido ao início da operação da nova fábrica da Suzano Papel e Celulose, em Imperatriz (MA), e estabilidade na produção de papel (Ibá, 2015).

As exportações nacionais de celulose somaram 957.070 toneladas e US\$422 milhões em janeiro de 2015, uma redução de 21% em relação a janeiro de 2014, em termos de valor exportado. As exportações de papel foram de 154 milhões de toneladas (US\$152 milhões) em 2015, uma redução de 12% em relação ao mesmo período de 2014, também em termos de valor exportado (MDIC, 2015).

Com relação ao preço da celulose em São Paulo em janeiro de 2015, este foi de US\$742,79 por tonelada. O preço do papel *offset* em Bobina foi de R\$3.294,41 e do papel *cut size*, R\$3.345,93 por tonelada. Foi observado um aumento de 6,6% no preço

da celulose em relação a janeiro de 2014. No preço do papel, observou-se estabilidade em relação a janeiro de 2014 e janeiro de 2015, segundo CEPEA (2015).

Durante o ano de 2015 continuará a preocupação entre os agentes do segmento com a competitividade. O segmento prioriza as exportações, mas também há preocupação em reforçar o mercado interno. Considera-se importante o programa Reintegra para melhorar as exportações e a competitividade, o qual devolve aos empresários 3% do valor exportado em produtos industrializados e desonera a folha de pagamento.

### **Segmento de Madeira Processada**

No acumulado do ano de 2014, de janeiro a dezembro, as exportações de madeira processada totalizaram US\$2.243,1 milhões, apresentando um aumento de 11,9%, quando comparadas às de 2013. Já as importações, de janeiro a dezembro de 2014, totalizaram US\$150,6 milhões e foram 4,3% maiores em relação às de 2013. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2014 foi de US\$2.092,5 milhões, 12,5% maior que em 2013. Portanto, o segmento de madeira processada teve um crescimento razoável em 2014, apesar de todos os contratempos da economia nacional e global (Quadro 1).

Em janeiro de 2015, as exportações de madeira e derivados totalizaram US\$161,1 milhões, representando um aumento de 11,6% em relação a janeiro de 2014. Por sua vez, as importações de janeiro de 2015 foram de US\$11,6 milhões, uma queda de 7,4% em relação a janeiro de 2014. Portanto, o saldo na balança comercial de janeiro de 2015 foi de US\$149,5 milhões, apresentando um crescimento de 13,4% em relação a janeiro de 2014 (Quadro 1).

Quadro 1 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro de 2013 a Janeiro de 2015, em US\$1.000

Mês	2014			2013			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
<b>JAN</b>	144.340	12.507	131.833	140.583	14.367	126.216	2,7	-12,9	4,5
<b>FEV</b>	184.376	13.911	170.464	151.817	10.867	140.949	21,4	28,0	20,9
<b>MAR</b>	177.876	11.741	166.135	163.586	12.958	150.629	8,7	-9,4	10,3
<b>ABR</b>	181.800	12.160	169.639	178.206	13.252	164.955	2,0	-8,2	2,8
<b>MAIO</b>	196.582	12.344	184.237	179.158	12.496	166.662	9,7	-1,2	10,5
<b>JUN</b>	165.475	13.083	152.392	167.739	10.189	157.550	-1,3	28,4	-3,3
<b>JUL</b>	187.096	14.532	172.564	163.027	11.330	151.697	14,8	28,3	13,8
<b>AGO</b>	188.858	11.176	177.681	161.976	13.260	148.716	16,6	-15,7	19,5
<b>SET</b>	192.886	14.703	178.183	155.501	10.998	144.503	24,0	33,7	23,3
<b>OUT</b>	225.359	13.310	212.048	184.082	12.448	171.634	22,4	6,9	23,5
<b>NOV</b>	176.823	10.739	166.085	178.339	11.083	167.257	-0,9	-3,1	-0,7
<b>DEZ.</b>	221.642	10.407	211.235	179.909	11.204	168.705	23,2	-7,1	25,2
<b>Acumulado</b>	2.243.112	150.615	2.092.497	2.003.924	144.451	1.859.473	11,9	4,3	12,5
<b>Jan. 2015</b>	161.095	11.579	149.516						
<b>Variação % entre Jan/2015 Jan/2014</b>	11,61	-7,42	13,41						

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

Apesar do crescimento relativo do setor entre janeiro de 2014 e de 2015, em termos de balança comercial, um levantamento realizado pela Abimci demonstra que os números ainda não são suficientes para garantir a sustentabilidade da indústria de madeira brasileira, que sofrem também com dificuldades de consumo no mercado interno, mas já dá sinais do potencial de crescimento e retomada do produto brasileiro no mercado internacional. O coordenador do Comitê de Relações Internacionais da instituição, Isac Zugman, destaca que o aumento da demanda dos produtos pelos Estados Unidos teve papel fundamental no resultado do ano. "Com a melhoria da taxa de câmbio e a retomada da construção civil naquele país, a volta ao mercado americano foi fundamental para o crescimento das exportações. Além disso, essa demanda ajudou na melhoria dos preços de venda também para a Europa e outros setores, impulsionando os resultados", afirmou. Para Zugman, o ritmo de crescimento

presente no último trimestre deve se manter. “A expectativa é de que o ritmo de crescimento das exportações se mantenha em 2015. As perspectivas para os Estados Unidos estão boas e é preciso aguardar delineamento das economias da Europa que ainda se mantêm indefinidas em função do período de férias e inverno, que reduzem o consumo. Mas, de forma geral, esperamos que a recuperação se mantenha”, afirmou (Abimci, 2015).

Pete Stewart, CEO da Forest2Market do Brasil, e Marcelo Schmid, gerente da mesma empresa, apresentam algumas tendências para o mercado florestal em 2015. Dentre aquelas que podem afetar o segmento de madeira processada, eles apontam que: a) o dólar deverá permanecer em forte tendência de alta, representando uma desvantagem para os EUA, pois diminui a competitividade dos seus bens manufaturados, e gera uma oportunidade para a exportação dos produtos florestais brasileiros para esse mercado; e b) diversas economias ao redor do mundo experimentarão crescimento mais lento ou recessão, ao exemplo do Brasil, e isso significa que os seus bens manufaturados trarão boas oportunidades de compras aos EUA (Painel Florestal, 2015).

### **Produtos Florestais Não-Madeireiros**

Os produtos florestais não madeireiros (PFNMs), como a castanha do pará, castanha de caju, óleo essencial de eucalipto, palmito em conserva e taninos, apresentaram em 2014 redução no somatório do valor e da quantidade, tanto de suas exportações, quanto das importações, em relação ao ano de 2013.

O total das exportações dos PFMNs selecionados (US\$138,8 milhões e 28.319,6 toneladas), de janeiro a dezembro de 2014, foram 23,9% e 36% inferiores, em termos de valor e quantidade, respectivamente, em relação ao ano anterior. Analisando individualmente os produtos, apenas o valor da exportação do óleo essencial de eucalipto aumentou (Quadro 2).

Quadro 2 – Exportações dos PFMN Selecionados, de Janeiro a Dezembro de 2014, em 1.000 US\$ FOB e Quilogramas (kg)

Produto não madeireiro	Valor			Quantidade		
	2013	2014	Variação %	2013	2014	Variação %
<b>Castanha do pará</b>	21.115	14.737	-30	13.619.125	7.902.388	-42
<b>Castanha de caju</b>	134.170	110.302	-18	20.963.847	17.023.228	-19
<b>Óleo essencial de Eucalipto</b>	2.158	3.894	80	132.550	213.350	61
<b>Palmito em conserva</b>	2.861	2.397	-16	510.248	384.098	-25
<b>Taninos</b>	4.602	4.213	-8	1.950.288	1.988.394	2
<b>Borracha Natural</b>	7.050	3.257	-54	1.331.205	808.157	-39

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

Um fato observado foi a queda do total das importações dos PFMNs selecionados (US\$355,9 milhões e 181.299,4 toneladas) em 2014. O palmito em conserva que não foi importado durante o ano de 2013, passou a ser incluído na lista dos PFMNs importados em 2014. A castanha do pará apresentou maior variação no valor e quantidade importada em 2014, em relação ao ano anterior (Quadro 3).

Quadro 3 – Importações dos PFMN Selecionados, de Janeiro a Dezembro de 2014, em 1.000 US\$ FOB e Quilogramas (kg)

Produto não madeireiro	Valor			Quantidade		
	2013	2014	Variação %	2013	2014	Variação %
<b>Castanha do pará</b>	261	2.918	1020	32.000	427.394	1236
<b>Castanha de caju</b>	29.478	10.544	-64	42.192.915	11.830.953	-72
<b>Óleo essencial de Eucalipto</b>	2.409	2.934	22	193.135	220.267	14
<b>Palmito em conserva</b>	0	97	-	0	21.412	-
<b>Taninos</b>	1.738	4.289	147	922.924	2.315.793	151
<b>Borracha Natural</b>	468.884	335.179	-29	172.965.067	166.483.596	-4

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

O primeiro mês de 2015, apesar de acumular aproximadamente US\$10,4 milhões das exportações dos PFMNs selecionados, iniciou-se desanimador, com queda

de 15,5% no valor total das exportações, em relação ao mês de dezembro de 2014. No mês de Janeiro de 2015, observou-se um aumento de 76,8% no valor das exportações da castanha do pará (US\$1,4 milhões), 42,9% do óleo essencial de eucalipto (US\$605,3 mil) e 18,5% de taninos (US\$234,1 mil) em relação ao mês anterior. Os demais produtos apresentaram decréscimo, principalmente a borracha natural, que caiu bruscamente (382,3 vezes), em relação ao mês anterior.

O mercado brasileiro, em janeiro de 2015, não importou a castanha do pará e castanha de caju, porém, os demais produtos foram responsáveis pelo aumento de 14,4% no total das importações (US\$24,5 milhões).

Destaca-se que iniciativas como o Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepro) que aos poucos vem ganhando espaço nos estados brasileiros como Bahia, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, com os leilões da borracha natural, tem se mostrado importantes para estimular o setor de heveicultura. No entanto, o preço do prêmio precisa ser reajustado e os produtores necessitam de auxílio na parte burocrática para interagir nas negociações, a fim de que mais produtores possam aderir aos leilões.

## **Segmento Moveleiro**

O setor moveleiro começa 2015 com um desempenho ruim em decorrência e em continuação ao que vem acontecendo na economia, em geral, ao longo de 2014, com quedas na produção industrial, no consumo e nas exportações. Esse cenário pode-se agravar com a decisão do Governo de retirar apoio ao setor, voltando com o IPI normal. Segundo informação do Ministério da Fazenda, o tributo sobre móveis voltará a ter alíquota de 5%, contra os 4% cobrados em 2014.

Evidências de redução nas vendas, nos últimos meses, aparecem, por exemplo, no maior polo moveleiro de Minas Gerais, em Ubá, na Zona da Mata, onde três fábricas fecharam e mais de duas mil pessoas perderam o emprego na região. As perspectivas são preocupantes, principalmente diante da previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) próximo de 1%. Com um crescimento econômico baixo, a atividade do varejo tende a cair, afetando os pedidos para as indústrias. "A previsão de desaquecimento no mercado consumidor será o grande desafio para as indústrias moveleiras", afirma Marcelo Vilin Prado, diretor do Instituto de Estudos e Marketing Industrial (IEMI), especializado no setor moveleiro.

Segundo IBGE, comparando dezembro de 2014 com dezembro de 2013, houve uma queda de 4,4% na produção de móveis no país. No acumulado, de janeiro a dezembro de 2014, essa queda foi de 7,4%. Esse quadro geral do setor nada mais é do que um reflexo do que ocorre com a economia brasileira onde a inflação, os juros altos, a desvalorização da moeda e outros agravantes econômicos, políticos e sociais internos e externos, interagem para coibir a atividade econômica de consumo e investimento.

O comércio de móveis com o mercado internacional revela um quadro atual desfavorável para o setor. Em janeiro de 2015, o acumulado das exportações dos últimos 12 meses (fevereiro de 2014 a janeiro de 2015) somaram US\$454 milhões, aproximadamente. Este valor é apenas 3% maior do que o acumulado dos últimos 12 meses anteriores (fevereiro de 2013 a janeiro de 2014). Pode-se afirmar que as exportações estariam mantendo o seu desempenho num cenário sombrio para a economia nacional com crescimento negativo e exportações, em geral, em queda. De fato, os resultados para as exportações em janeiro de 2015 não são animadores para um começo de ano. Esses foram 13% menores do que os exportados em janeiro de 2014 e 36% menores do que o exportado no mês anterior, dezembro de 2014. A forte desvalorização que vem se verificando na moeda nacional não tem sido suficiente para alavancar aumentos significativos no comércio nacional com o exterior, particularmente no setor de móveis. Em janeiro, as importações brasileiras superaram as vendas externas, resultando em déficit da balança comercial de US\$3,2 bilhões, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). "Chamo a atenção para a característica sazonal para janeiro, que é deficitário. Resultado da entressafra [de grãos], das férias coletivas e da baixa atividade econômica [e seus impactos nas exportações]. As importações [do mundo] já começam a subir em janeiro, com as empresas começando a repor seus estoques", avaliou o secretário de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Daniel Godinho.

Quadro 4 – Exportações e Importações Totais de Móveis de Jan.2014/15 e Acumulado dos Últimos 12 meses (US\$1.000 FOB)

MESES	EXPORTAÇÕES TOTAIS		VARIAÇÃO	IMPORTAÇÕES TOTAIS		VARIAÇÃO
	2014	2015	2015/2014	2014	2015	2015-2014
JAN	28.754	25.064	-13%	1.796	1.994	11%
Acumulado Últimos 12 meses	439.480	454.026	3,3%	24.617	23.916	-3%

Fonte: MDCI (2015)

Em janeiro de 2015, o acumulado das importações dos últimos 12 meses (fevereiro de 2014 a janeiro de 2015) somaram US\$24 milhões, aproximadamente. Este valor é 3% menor do que o acumulado dos últimos 12 meses anteriores (fevereiro de 2013 a janeiro de 2014). Em relação ao mês de janeiro de 2014, as importações de janeiro de 2015 apresentaram um crescimento de 11%. Já com relação aos valores importados no mês imediatamente anterior, ou seja, dezembro de 2014, essas tiveram um aumento acentuado de 51%. Este fato é inesperado uma vez que há uma oferta interna em excesso devido à redução nas exportações e, ao mesmo tempo, um encarecimento dos produtos importados face a forte alta da moeda americana. A indústria moveleira deveria considerar esse avanço nas importações com certa preocupação. A invasão de importados num momento em que o câmbio é bastante desfavorável para tal, ainda que pequena, em tempo de crise, é relevante.

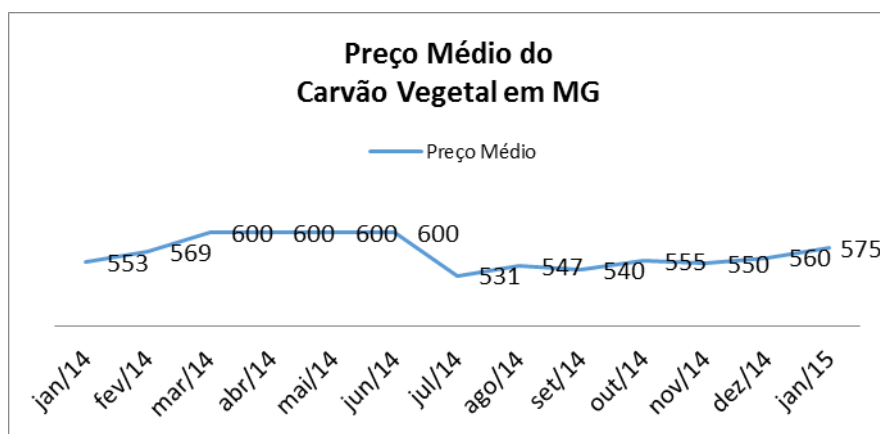
As dificuldades a serem enfrentadas pelo setor moveleiro, em 2015, não são poucas. As perspectivas são preocupantes. No entanto, para Marcelo Vilin Prado, diretor do Instituto de Estudos e Marketing Industrial (IEMI), o setor não descuidou dos investimentos, algo incomum na indústria de um modo geral. "A indústria, como um todo, adiou seus projetos de investimentos e compras de máquinas por causa da crise. O setor moveleiro, não", afirma o consultor. "No ano passado, as fábricas do setor investiram R\$ 5,1 bilhões em novos projetos industriais e, especialmente, inovações". "As indústrias estão projetando novos produtos, especialmente para concorrer no mercado externo", afirma. As exportações, inclusive, estão na pauta do setor, já que hoje o Brasil é apenas o 31º no ranking de exportadores do setor – enquanto é o quinto maior produtor de móveis do mundo. "Não basta ter preço para penetrar no mercado americano e europeu, é preciso inovar", completa.



## Segmento de Carvão para Siderurgia

O preço médio do carvão vegetal praticado em Minas Gerais apresentou flutuações ao longo do ano de 2014. O mercado começa o ano de 2015 aquecido com os melhores preços dos últimos seis meses (Figura 1).

Figura 1 – Preço Médio do Carvão Vegetal em Minas Gerais em R\$/t.



Fonte: AMS (2015).

A produção brasileira de aço bruto em dezembro de 2014 foi de 2,6 milhões de toneladas, queda de 1% quando comparada com o mesmo mês em 2013. Em relação aos laminados, a produção de dezembro, de 1,8 milhões de toneladas, apresentou redução de 13,4%, quando comparada com dezembro do ano anterior.

A retração da atividade é esperada nesta época do ano devido ao encerramento das encomendas para atender aos pedidos do fim do ano. No fim de 2014, entretanto, o recuo da produção foi maior que o esperado. "Embora a queda seja esperada, a intensidade chama a atenção", afirmou o gerente executivo de Pesquisa e Competitividade da CNI, Renato da Fonseca.

Com esses resultados, a produção acumulada em 2014 totalizou 33,9 milhões de toneladas de aço bruto e 24,8 milhões de toneladas de laminados, quedas de 0,7% e 5,5%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2013.

A produção de aço da indústria brasileira apresentou uma queda brusca entre novembro e dezembro de 2014, atingindo o seu nível mais baixo dos últimos cinco anos.

Quanto às vendas internas, o resultado de dezembro de 2014 foi de 1,5 milhões de toneladas de produtos, queda de 9% em relação a dezembro de 2013. As

vendas acumuladas em 2014, de 20,7 milhões de toneladas, mostraram queda de 9% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Apesar das condições adversas do mercado nacional, as exportações de produtos siderúrgicos em dezembro atingiram 1 milhão de toneladas no valor de US\$648 milhões. Com esse resultado, as exportações até dezembro de 2014 totalizaram 9,8 milhões de toneladas e US\$6,8 bilhões, representando um crescimento de 20,9% em volume e um aumento de 22,3% em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior.

No que se refere às importações, registrou-se, em dezembro de 2014, o volume de 214 mil toneladas (US\$238 milhões), totalizando, desse modo, 4 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos importados no ano, alta de 7,4% em relação ao mesmo período de 2013.

O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos em dezembro último foi de 1,7 milhões de toneladas, totalizando 24,6 milhões de toneladas no período de janeiro a dezembro de 2014. Esses valores representaram queda de 8,5% e 6,8%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

O ano de 2014 pôde ser sintetizado nas palavras: persistência e resistência. Os resultados comprovam quedas no desempenho do setor, o que provocou desvalorização de algumas empresas brasileiras. A Usiminas, CSN e Gerdau ocuparam destaque na lista de empresas com piores ações em 2014 na Bovespa.

O ano de 2015 se inicia com o setor sendo estimulado pelo mercado internacional. A produção brasileira de aço bruto em janeiro de 2015 foi de 3 milhões de toneladas, crescimento de 7,7% quando comparada com o mesmo mês em 2014. Em relação aos laminados, a produção de janeiro, de 2,1 milhões de toneladas, apresentou alta de 0,9%, quando comparada com janeiro do ano passado.

Quanto às vendas internas, o resultado de janeiro de 2015 foi de 1,6 milhão de toneladas de produtos, redução de 8,5% em relação a janeiro de 2014.

Acompanhando o comportamento do final de 2014, as exportações de produtos siderúrgicos em janeiro de 2015 continuaram a subir, atingindo 1,1 milhão de toneladas no valor de US\$681 milhões, representando um aumento de 32,9% em volume e de 11,3% em valor.

No que se refere às importações, registrou-se, em janeiro, o volume de 381 mil toneladas (US\$384 milhões), crescimento de 22,5% em relação a 2014.

Para a CNI, o desafio do governo será aumentar a confiança dos investidores

em 2015. Renato da Fonseca defende que, mesmo num contexto de ajuste fiscal, o governo pode focar em políticas de aumento de competitividade que não impliquem em alta das despesas e, com isso, elevar a confiança.

O comércio exterior, que amargou no ano passado o primeiro déficit na balança após 14 anos de resultados positivos, terá no fim de fevereiro um pacote específico de apoio às exportações. As medidas incluem mudanças na estrutura do sistema de garantias para tentar atrair a oferta de crédito dos bancos privados, hoje concentrada nos bancos públicos, como BNDES e Banco do Brasil; equalização dos juros em relação às taxas oferecidas no exterior; e melhoria nas condições de financiamento.

O pacote, que será negociado com a equipe econômica e terá algumas das medidas submetidas ao Congresso Nacional, também trará regras de facilitação e simplificação do processo exportador, além de medidas tributárias. O plano de incentivo aos exportadores é classificado pelo ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro Neto, como fundamental para a retomada do crescimento econômico.

### **Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas**

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Lyvia Julienne Sousa Rêgo – Eng. Florestal M.Sc. em Ciência Florestal

\* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.